



V Fórum Social Mundial

Painel de abertura da Economia Solidária

DATA: 26 DE FEVEREIRO DE 2005

MESA: Inacio Ramonet (França – Le Monde Diplomatique), Carola Reintjes (Espanha - REAS), Rosa Luis (Assessor Governo Argentino – Rede Latino Americana de pesquisadores em ES), Ary Moraes (Representante dos Empreendimentos do FBES), Paul Singer (SENAES), Kamal Chenoy (Índia – professor na Universidade Jawaharlal Nehru).

Chilo, do México, abriu a mesa:

CHILO ALTAGRACIA VILLARREAL SANTOS (MÉXICO)

“Resistir é preciso. Não à arrogância. Não aos organismos geneticamente modificados. Não à repressão social. Não à pobreza. Não às desigualdades. Não à morte diária de trinta mil pobres. Não ao terrorismo. Não ao racismo. Não à degradação cultural. Resistir é também dizer sim. Sim à solidariedade entre os habitantes do planeta. Sim à erradicação do analfabetismo. Sim aos direitos individuais. Sim à justiça social. Sim à proibição dos paraísos fiscais. Resistir é sonhar que outro mundo é possível.” (poema de Inácio Cordima)

INACIO RAMONET (FRANÇA)

O mercado quer impor as privatizações, busca uma revanche contra o estado democrático. A globalização é uma luta de morte entre privado x público, individualismo x coletividade, ????? x solidariedade. As instituições financeiras mandam no mundo. Basicamente quatro organizações: Fundo Monetário Internacional (FMI), Banco Mundial, Organização Mundial do Comércio (OMC) e ?????? .

A Economia Solidária produz riquezas para todos sem destruir o planeta, sem discriminar as mulheres, sem explorar os trabalhadores.

A Economia não solidária de Davos - a cada ano a globalização dos Estados Unidos tem a ganância de trilhões de dólares. Os Estados Unidos é o primeiro país beneficiado pela globalização. O expansionismo americano produz um mundo mais insolidário. Este mundo de injustiça e desigualdade tem 500 milhões de ricos e outros tantos de pobres. Como se alimentar, educar, viver com dois dólares ao dia? Cada vaca européia gasta quatro dólares ao dia, a metade da humanidade vive com dois dólares ao dia. A vaca vale mais que um ser num país pobre. Temos 150 milhões de pessoas sem água potável, três em cada cinco na usam telefone, cinco em cada cem usam internet. As desigualdades não deixam de aumentar, em quarenta anos teremos trinta vezes mais ricos. Em mais de sessenta países a renda per capita é inferior do que a vinte anos atrás. A esperança de vida retrocedeu a menos de quarenta anos sobretudo entre as mulheres, as crianças estão sem ler. As três pessoas mais ricas do mundo têm a renda superior ao PIB dos quarenta e oito países mais pobres. É urgente saber do desastre da globalização neoliberal. O FSM 2005 precisa definir medidas urgentes para todos apoiar.

Propomos cinco medidas de solidariedade em escala internacional:

- Estabelecer uma taxa planetária de solidariedade, os presidentes Chirac e Lula apresentaram em Davos, apoio de mais cem países sobre o coeficiente de comunicações e transações do mercado financeiro;
- Suprimir os paraísos fiscais, submetê-los a taxas fiscais para criar um fundo de solidariedade;

- Suprimir a dívida externa;
- Moratória internacional sobre a água potável;
- Pequeno imposto de solidariedade sobre as grandes fortunas das quinze pessoas mais ricas, 0,7% arrecadaria um montante de 150 milhões de dólares que serviria para suprimir a miséria.

São medidas de redistribuição da riqueza que geraria um mundo mais solidário, mais democrático e voltado para o humano.

KAMAL CHENOY (ÍNDIA)

Primeiro quero questionar o termo neoliberalismo, que para ser teria que ser novo (neo), o mais certo é neoconservadorismo. As 225 famílias mais ricas têm a renda de 27% das famílias mais pobres. O neoliberalismo não é reforma, é exploração dos pobres, exploração neoconservadora. São buscadas estimativas oficiais subestimadas. Na Índia nos números oficiais 26% das famílias estão abaixo da linha da pobreza, mas acreditamos que 70% das famílias da Índia passam fome. O padrão econômico, o PIB sobe e outro desce, o abismo entre pobres e ricos aumentam, os ricos ficam mais ricos, os pobres ficam mais pobres. Não há outra alternativa possível a não ser o Comércio Ético e Solidário. Não existe o mercado aberto, o pequeno fazendeiro não temo como competir com uma grande empresa. É como se uma pequena criança tentasse jogar futebol contra o Pelé, é impossível. Por isso o Comércio Ético e solidário. Proponho que as instituições financeiras que governam o mundo sejam democratizadas e transparentes. Trazer para dentro da ONU a OMC e o FMI. Não é justo que poucas instituições governem o mundo inteiro. Nós devemos trabalhar para maior solidariedade sul/sul, luta para comercio justo e solidário, Não ao modelo do Norte, resistir à força do Norte. Deveria haver uma lei de informação sobre os produtos que se consome. O que temos nas garrafas de águas, Coca ou Pepsi, nos hambúrgueres, as pessoas poderiam optar não consumir. Na nova ideologia dos subsídios, a globalização fala em tirar os subsídios diminuindo os impostos. O mesmo imposto do rico não é o equivalente ao subsidio que é tirado do pobre. O mesmo quanto às tarifas alfandegárias, retira-las é dar subsidio, novamente retirando dos pobres e dando aos mais ricos. Mais uma vez é transferência de renda dos mais pobres para os mais ricos (neoconservadorismo). Sou a favor do imposto Tolben sobre transações financeiras especulativas (0,7%), é taxado sobre o que é especulação, não gera nada, só movimentação dinheiro. Sou a favor de praticar solidariedade em vários níveis como esta reunião e outro tipo com pessoas que pensam Comércio solidário, com quem toma decisões, para explicar para eles. Nós organizamos para Comércio Ético e Solidário e Justo, rede para intercâmbios, para análise de resultados. Publicar no web site em varias línguas para encaminhar aos tomadores de decisões.

CAROLA REINTJES (ESPAÑA)

Agradecimento especial ao FBES que trabalhou para possibilitar que uma outra economia é possível. Aos 1500 trabalhadores de micro empresas da Economia Solidária do Brasil gracias. Sigo provocando-os: contrariar pensamentos únicos em neoliberalismo econômico que trabalham para seus próprios interesses. Provocar um pensamento crítico contra um pensamento único, um pensamento rebelde e expressivo. Conhecer práticas de Economia Solidária, propostas de plano de ação, pensamentos estratégicos e construtivos, alternativos e solidários. Sonhar profundamente para trabalhar duro, para que outra economia seja possível. Desmantelar, desconstruir o neoliberalismo com intervenções rebeldes e inteligentes. Temos convicção de ativistas militantes na desconstrução da lógica capitalista e sua prática cruel, outro mundo é possível. Espero uma guerra inteligente em que a única arma seja nós, preventiva e infinita.

Máxima ação de benefícios:

- Resistir, lutar com o coração rebelde;
- Denunciar a impunidade. Convido aos nossos governantes a ajudar nesta pressão;
- Lutar contra a impunidade no terreno econômico;
- Amantes da paz, lutar pela paz. Rendas ocultas sangram com o petróleo;
- Boicote ao governo de Bush;
- Boicote à coca cola, à pepsi e às petroleiras;

- Contra a pobreza, resistir e atuar contra a dívida externa. Nosso dinheiro é mal usado, para perpetuar a dívida externa. Nosso dinheiro tem melhor lugar;
- Contra o império e a ditadura, declaremos a luta contra uma marca; boicote á coca cola, os companheiros da Índia estão privados da água submersa, assassinato de sindicalistas que trabalham na coca cola, exploração do trabalho infantil. A lista é grande. Um boicote estruturado e organizado, pode ser exitoso, deve sair deste FSM;
- Democratizar e reformar a ONU, empodera-la para que sirva aos interesses dos povos;
- Um dia de ação – 11 de setembro – contra todos que promovem a pobreza econômica, cultural e social;
- Fiscalizar o setor privado, responsabilidade social verdadeira, controle externo, o primeiro poder político é o público;
- Sonhar rebelde e atuar pacificamente;
- Ajudar a Economia Solidária construir outro mundo possível. A Economia solidária tenta construir com critério organizações de trabalhadores autogestionárias, produzir com critérios éticos, consumir produtos ecológicos, comércio justo. Auto gestão é diferente de formas empresariais. Propriedades coletivas e mais social possível. Repasse dos dividendos e não lucro. Se não é assim não é economia solidária, não é economia para os pobres. Movimento com vocação de transferência de modelo social e econômico. Conceitualmente no coração das renovações econômicas. A pessoa é o sujeito do desenvolvimento. Tentar construir humildemente, mas contundentemente outro modelo de economia. Não vai existir transformação social e política sem transformação da economia. Tem que ser economia dos povos para os povos..... Teremos um crescimento qualitativo. A visibilidade é crescente. O FSM destacou três grandes inovações: A Economia Solidária.....

JOSÉ LUÍS CORAGGIO (ARGENTINA)

Acompanho o governo na sua política de desenvolvimento econômico e social. Temos uma perspectiva de periodicamente nos reunirmos para discutir a Economia Solidária. É importante falar dos problemas e não só do futuro e promessas. A relação entre o movimento de Economia Solidária e a política é que ela está no movimento continuamente. A política também está presente nos territórios, os atores diretos da Economia solidária se encontram continuamente com os sistemas político partidários. Há disputa por território. Estratégias de poder econômico sindical, ético que atuam neste campo. O movimento programa de ação coletiva em conjunto com toda a sociedade. Silêncio na literatura especializada sobre tema de política, do poder. Tenho a proposta de reenquadrar a economia de mercado e sociedade para outra política distinta da que temos. Que política necessitamos, política que articule os interesses das entidades, das demandas..... Uma política democrática – força social e os direitos sociais dos trabalhadores. Sujeitos coletivos autônomos. Que fazemos com o estado e as políticas públicas de estado? Se por um lado somos críticos, podemos demandar que haja outras políticas públicas que podem ser estatais ou quase estatais? Resposta – políticas sociais localizadas aos mais pobres. Os atores e promotores se aproveitarem destas políticas sociais e promoverem outras formas econômicas, outras soluções. A linha que hoje cobra força na América Latina tem a impossibilidade de resolver a governabilidade, políticas existenciais localizadas. A linha do empreendedorismo permite aos desempregados e comunidades resolverem seus problemas. Enfrentamos um estado debilitado. A Economia solidária é forte, dá um fundamento a uma vida digna. O estado deve garantir os direitos humanos fundamentais como saúde e educação. Uma contradição muito forte é a compensação social., o ministério econômico segue cumprindo as políticas neoliberais. São trinta anos de neoliberalismo na cultura popular, o estado reparte bens, serviços e valores. É a síntese do bem comum, a cultura do assistencialismo está impregnada nos povos. Ganhar casa e comida, a bolsa da comida. Apareceram projetos sócio produtivos na Argentina, não é trabalho com patrão, se bem que está viva a cultura do trabalho assalariado. Antecipação plausível desse futuro possível, estratégia que recoloca o movimento por outra economia. Assegurar a sobrevivência digna de todos, incluindo material, comida, educação, dignidade. Sistema de Economia solidária centrado no trabalho autônomo, associado ou não, não precisa tomar a forma de cooperativa. Construção de outra economia diferencia o setor da Economia solidária da economia convencional. Todos os trabalhadores são sujeitos desta OUTRA ECONOMIA. Contribuir para o desenvolvimento deste sujeito. Admitir o pluralismo para encarar tarefa tão complexa. Construir outra economia e não só Economia solidária, requer outra sociedade, outra cultura, outra política.

ARY MORAES (BRASIL)

Vimos de um acumulado do I Encontro Nacional de Empreendimentos de Economia Solidária cuja meta era que o processo de protagonismo em todas as esferas da Economia Solidária estivesse presente. Uma estratégia era estar presente do V FSM. Outro mundo é possível, mas no nosso dia a dia outra economia já acontece. Não somos caso de política compensatória, reforma social e nem caso de polícia. Queremos uma nova constituição para os trabalhadores e trabalhadoras da Economia solidária. Para isso vimos ao FSM. Participamos do Grupo de Trabalho do FSM, três pessoas da Economia Solidária trabalharam na gestão do FSM. Tínhamos ação neste processo, operávamos e fizemos política. Nossa dinâmica que está no nosso dia a dia trouxemos para o V FSM. Construímos comida, artesanato, abastecimento, confecção, serviço, reciclagem, moeda social. Fizemos plenárias de até cento e oitenta trabalhadores para construir este processo da Economia Solidária. A parti deste V FSM o Fórum Social Mundial não será mais o mesmo. Dois a três milhões do orçamento deste FSM está nas mãos das companheiras das cooperativas, deixando de ser apropriado pelos capitalistas. Queremos chegar a cem por cento do orçamento do FSM, é o nosso desafio. Estamos construindo a cadeia do algodão. Fizemos o fio, construímos o pano, confeccionamos e colocamos a serigrafia, forma trinta e seis empreendimentos. Isto foi um ganho, um avanço, os nossos empreendimentos reafirmaram o nosso protagonismo. Montagem das tendas, cabine de comunicação, praça de alimentação, moeda social o TXAI que está circulando no FSM. Trouxemos cerca de 500 empreendimentos de Economia Solidária de todos os estados do Brasil para o FSM. Vamos fazer o desdobramento deste processo do FSM, que não é só discussão, mas é prática. Somos o que nós consumimos, temos capacidade de produzir produtos que podem ser consumidos por nós. Precisamos ir além, para dizer que as riquezas naturais são esgotáveis, racionalizar o seu uso, que estão sendo destruídas. Discutir o valor social do nosso trabalho, não só utilitário. Avançar o conceito da herança, discutir a propriedade privada neste planeta. A luta está aí, a caminhada é longa, vamos continuar lutando pela nossa ideologia, viver e morrer pela nossa ideologia. Quem acredita que outra economia já acontece se levante.

PAUL SINGER (SECRETÁRIO NACIONAL DA SENAES)

Quero saudar grandes companheiros de luta da Economia Solidária do Brasil e também de outros países. Vou resumir para podermos responder às perguntas. O desenvolvimento que conhecemos é o capitalista que gera novas forças produtivas, emprego, bem estar, mas também desemprego e mal estar. Desenvolvimento movido pelos interesses de companhias, por isso as conseqüências são planejadas. Nossa tarefa é inventar o desenvolvimento inclusivo, comunitário, sem deixar ninguém de fora. Ele existe, não precisamos inventa-lo a partir de modelos. No Brasil existe Catende em Pernambuco, Banco Palmas no Ceará, que tem a comunidade como protagonista, organizada de forma desenvolvida, novas atividades produtivas, mas tem muitos problemas. Este processo nas áreas mais pobres, na nossa periferia, também de forma precária, nos bolsões de miséria é para que tenha assistência externa, ajudas não dirigidas, não programadas, apoiadas, assistência financeira, injeção de capital. O estado gasta para manter as pessoas na situação de miséria, através de aposentadorias, transferência de renda, assistência tecnológica e institucional. Dar à comunidade formação e conhecimento necessários para ela se autodesenvolver de forma comunitária. A relação triangular, governo numa ponta (federal, estadual ou municipal) pode investir recursos públicos no processo de desenvolvimento, outra ponta as ONG's, agencias de desenvolvimento externos não estado, sociedade civil organizada, na terceira ponta a comunidade empobrecida, marginalizada. Relações triangulares são complicadas para transformar boas intenções em ações concretas, em uma revolução social verdadeira. Temos que coordenar este triângulo. Isto reflete a prática da SENAES, trabalha com o FBES que é uma grande organização onde tem agências de fomento, ONG's e empreendimentos, lá está o triângulo, inclusive a rede de gestores, sou representante do Governo Federal. Como harmonizar e levar à eficiência esta ação. Não sabemos como fazer, estamos aprendendo a fazer. Apelo às universidades que fazem parte do FBES para estudar os processos para desvenda-los, para ver as dificuldades. O poder público tem lapsos, o tempo político é miserável, a cada dois anos temos eleições. Realizar desenvolvimento em quatro anos é insuficiente, casos exitosos levam décadas. Há outros problemas. As comunidades e os empreendimentos não estão acostumados a viver sem assistência. Precisamos mudar o caráter de assistência, como fazer isso? A Economia Solidária é outro modo de produção que tem que desvendar estas charadas.

Arlete de Buritizeiros – MG leu a carta de boicote às multinacionais, campanha contra as transnacionais.

PERGUNTAS DOS PARTICIPANTES A PAUL SINGER

1) De que forma o meio ambiente e a Economia Solidária trariam mais benefícios para a comunidade?

Resposta – As duas coisas básicas para a Economia Solidária são o meio ambiente e o trabalho, trazem benefício direto para a sociedade e trabalhadores.

2) O aumento de impostos e tarifas aponta para a destruição do neoliberalismo e a construção de novas relações econômicas? (desconhecido)

Resposta – Sim eu acredito que os impostos e tarifas são formas de arrecadação e construção de novas relações econômicas. O neoliberalismo perderia força.

3) Esclarecer a noção de lucro e Economia Solidária.

Resposta - O lucro é categoria do capitalismo independente do trabalho. Salário e lucro são categorias capitalistas, não aparecem na Economia Solidária. A Economia Solidária caracteriza uma fusão do trabalho e capital, quem trabalha é o dono. A repartição do ganho é coletiva, não depende do lucro.

4) Mesmo no governo Lula se reproduz os males que impedem a Economia Solidária responder pela sobrevivência de várias pessoas.

Resposta – A Economia Solidária é economia de mercado, faz parte da economia de mercado do país. Fazemos parte do mercado. Se a idéia é o estado tornar esta competição mais justa, estou de acordo.

5) Porque o Ibama e o Ministério da Saúde não fazem parte da Economia Solidária?

O FBES só tem sociedade civil. Os ministérios já desenvolvem política em prol da Economia solidária. Podem fazer parte da rede de gestores.